

AULAS
PÚBLICAS

24-25 JAN 2015
10H30-18H00

AUDITÓRIO 2



GULBENKIAN
DESCOBRIR



ORGANIZAÇÃO



PARCEIROS DE ORGANIZAÇÃO

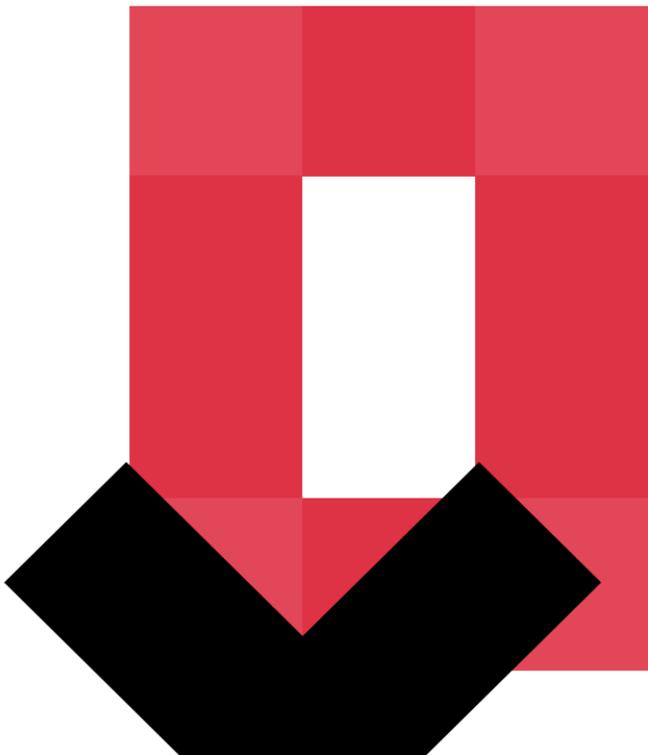
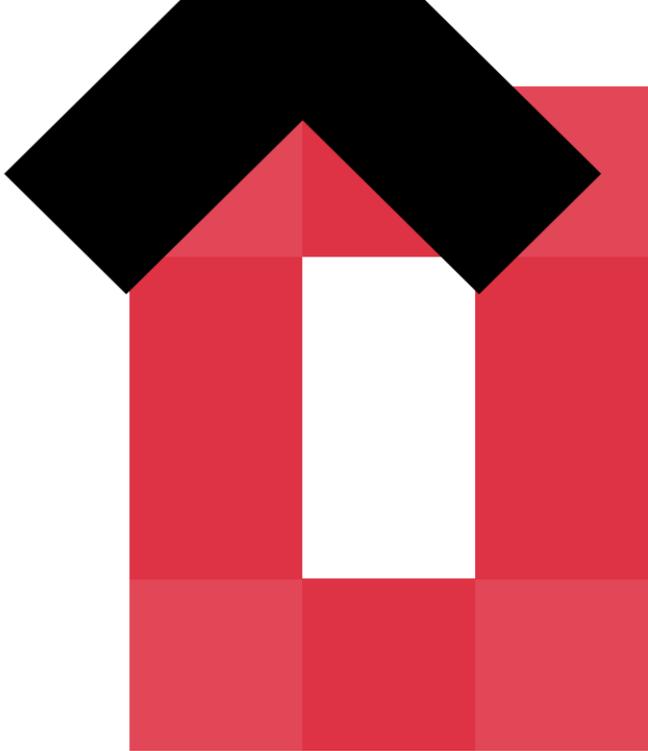


ESCOLAS PARCEIRAS



OUTROS PARCEIROS





10x10 / 3

SÁBADO, 24 DE JANEIRO

AUDITÓRIO 2

10H30

GEOMETRIA E PRECONCEITO

11H30

QUANTUNS QUERES?!?

12H15

DEBATE

MODERADO POR RUI VIEIRA NERY –

PROGRAMA GULBENKIAN DE LÍNGUA E CULTURA PORTUGUESAS

14H30

DERIVAS (COM)SENTIDAS

15H30

DO MEU CADERNO

16H30

RESPIGAR

17H15

DEBATE

MODERADO POR MANUEL CARMELO ROSA –

PROGRAMA GULBENKIAN QUALIFICAÇÃO DAS NOVAS GERAÇÕES

10 × 10 / 4

DOMINGO, 25 DE JANEIRO

AUDITÓRIO 2

10H30

UMA MENTIRA CÓSMICA E OUTROS CALHAUS

11H30

PODER, PONTO.

12H15

DEBATE

MODERADO POR JOANA BROCARDO –
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO,
INSTITUTO POLITÉCNICO DE SETÚBAL

14H30

HABITAR NA POESIA

15H30

OTS – OBJECTS THAT TELL STORIES

16H30

QUANDO ELES SE CONHECERAM, NÃO SABIAM...

17H15

DEBATE

MODERADO POR ELISA MARQUES –
DIREÇÃO GERAL DA EDUCAÇÃO

10 × 10 é um projeto piloto que promove a colaboração entre artistas e professores de diversas disciplinas do ensino secundário, com o objetivo de desenvolver estratégias de aprendizagem eficazes na captação de atenção, motivação e envolvimento dos alunos em sala de aula. Teve início no ano letivo de 2012/13 e encontra-se agora na sua terceira edição. Após a realização de uma residência artística, em julho passado, entre professores e artistas, seguiu-se um período de 3 meses de trabalho nas escolas, que implicou 10 duplas de professores/artistas e a participação dinâmica dos respetivos alunos. Os processos de trabalho e os seus resultados são agora apresentados na Fundação Calouste Gulbenkian, na Plataforma das Artes e da Criatividade (em Guimarães) e no Teatro Nacional de S. João, através de aulas públicas de diferentes formatos, com a finalidade de partilhar os sucessos e as dificuldades sentidas neste processo de aprendizagem mútua.

ENQUADRAMENTO

É pertinente e necessário partilhar dificuldades e práticas de sucesso no que toca ao envolvimento dos alunos na grande aventura que é aprender. O que fazer para tornar a matéria curricular relevante para o aluno, relacionando-a com o universo das suas experiências e interrogações? Será que podemos desenvolver novas abordagens ao ensino/aprendizagem das diferentes disciplinas? Como passar do ensino sequencial e transmissivo para a aventura de ensinar aprendendo e aprender participando? O 10 x 10 procura soluções para estas perguntas envolvendo professores, artistas e alunos numa colaboração estreita.

O MODELO

Três momentos fundamentais caracterizam o desenvolvimento do projeto: o primeiro assume a forma de uma residência artística de seis dias, onde os artistas e os professores, desenvolvem uma relação forte e cúmplice de reflexão, de partilha de saberes e experiências em ambiente informal; o segundo desenvolve-se nas escolas durante o primeiro período do ano letivo. Consiste na conceção de um projeto pedagógico singular, por uma dupla de professor/artista, que testa e aplica em sala de aula e no contexto da disciplina, algumas das micropedagogias exploradas durante a residência artística. Os alunos são chamados a participar ativamente durante o processo e a contribuir com as suas experiências, dúvidas e sugestões; finalmente, para concretizar o terceiro momento, artistas, professores e respetivos alunos, idealizam uma forma de

partilhar esta experiência com a comunidade educativa – professores, artistas, educadores, investigadores, encarregados de educação – através de uma “aula pública” que se realiza na Fundação Gulbenkian e noutras instituições culturais, como é o caso da Plataforma das Artes e da Criatividade ou do Teatro Nacional de S. João, e também nas Escolas onde o projeto aconteceu.

RESULTADOS E IMPACTOS DAS EDIÇÕES ANTERIORES (2012/13 E 2013/14)

ESCOLAS ENVOLVIDAS

Escolas Secundárias Padre António Vieira, D. Pedro V, Alves Redol, Portela de Sacavém, Escola Secundária com 3º ciclo Seomara da Costa Primo, Escola Básica de 2º e 3º ciclos da Abrigada e Colégio de Santa Doroteia

PARTICIPANTES

- 13 artistas
- 18 professores (137 professores nos 5 *workshops* de formação realizados nas escolas)
- 7 escolas
- 261 alunos
- 4 mediadores

IMPACTOS

Criação de um conjunto de estratégias e atividades a que os participantes deram o nome de “micropedagogias” – rituais, exercícios, tarefas, técnicas e ferramentas – e que se revelaram eficazes para a criação de um sentido de grupo, para fomentar a relação professor/aluno e para despertar a motivação, o interesse e a curiosidade pelas matérias curriculares.

NA PERSPETIVA DOS ESTUDANTES

- Aumento da motivação e do interesse
- Estratégias inovadoras e úteis para a compreensão da matéria
- Maior coesão e colaboração entre os diferentes elementos da turma
- Estímulo à pesquisa individual

NA PERSPETIVA DOS ARTISTAS

- Maior rigor e exigência no trabalho criativo
- Melhor entendimento do contexto escolar e do papel do professor
- Tomada de consciência da relação entre as práticas artísticas e o ensino

NA PERSPETIVA DOS PROFESSORES

- Vontade de arriscar e experimentar a mudança
- Relevância do olhar externo do artista em relação ao contexto da Escola e da sala de aula
- Importância de escutar e partilhar diferentes perspetivas e saberes
- O artista como cúmplice no apoio à experimentação de novas abordagens para a aprendizagem
- Potencialidades da articulação entre as práticas artísticas e as matérias curriculares
- Importância da alteração do espaço de sala de aula na motivação dos alunos
- Mudança efetiva no comportamento dos alunos, na sua motivação e envolvimento na aprendizagem
- Diálogo rico e construtivo na colaboração entre artista e professor
- Consciencialização da função criativa e de como funciona

Esta informação foi coligida a partir dos relatórios individuais de todos os artistas e professores e dos relatórios de avaliação externa, que incluíram

questionários preenchidos pelos alunos no início e no final das duas edições do projeto.

CARACTERIZAÇÃO DA 3ª EDIÇÃO

O modelo da 3ª edição do 10 x 10 sofreu algumas adaptações decorrentes da avaliação das edições anteriores, ponderando as sugestões e recomendações dos parceiros e participantes. Assim, na edição em curso, o projeto realizou-se em duas escolas de Lisboa, uma do Porto e uma de Guimarães, reunindo 10 professores de 6 disciplinas do 10º ano do ensino secundário regular. Manteve-se a estratégia de constituir um núcleo de 2 a 3 professores em cada escola como fator de entajuda e prolongamento dos efeitos de mudança. Realizaram-se 5 *workshops* de formação abertos a todos os professores das respetivas escolas, no intuito de disseminar alguns ecos do projeto.

PARCERIAS

À semelhança das edições anteriores, o projeto foi integrado no plano de atividades das escolas parceiras através de protocolos estabelecidos com as respetivas direções; o calendário de trabalhos foi estudado de forma a equilibrar a duração do projeto com a disponibilidade do professor. Foi possível estender o projeto ao Norte do País, graças às parcerias estabelecidas com A Oficina de Guimarães e o Teatro Nacional de São João no Porto, que assumiram a responsabilidade de coordenar a respetiva implementação naquelas cidades. O Centro de Formação de Escolas António Sérgio em Lisboa manteve a sua parceria, assumindo a coordenação do processo de

acreditação dos professores envolvidos no projeto. Outro parceiro importante é, e continua a ser, a Unidade de Investigação em Educação e Desenvolvimento da Universidade Nova de Lisboa, que está a formular o enquadramento teórico das experiências educativas de relação entre arte e educação realizadas no âmbito deste projeto, para além de um importante contributo na divulgação do projeto em conferências e publicações da especialidade.

PARTICIPANTES

→ 10 artistas no ativo, de diferentes disciplinas – artes visuais, cinema, teatro, dança e música – com experiência de trabalho pedagógico em contextos formais e não formais;
 → 10 professores do ensino secundário de diferentes disciplinas – inglês, biologia, português, filosofia, físico-química e matemática;
 → 4 escolas – 2 de Lisboa, 1 de Guimarães e 1 do Porto – e 10 turmas envolvendo um total de 240 alunos
 → 4 mediadoras (1 curadora educativa, 1 filósofa, 1 artista/formadora e 1 consultora/avaliadora)

OS DEZ PROFESSORES

→ Ana Pereira, da área de biologia
 → Ângela Rebordão, da área de físico-química
 → Gabriel Machado, da área de filosofia
 → Irene Leitão, da área de físico-química
 → Maria Isabel Machado, da área de português

→ Maria José Mira, da área de português
 → Mabel Carrola, da área de inglês
 → Olga Esteves, da área de português
 → Paula Oliveira Cruz, da área de português
 → Sandra Inês Santos, da área de matemática

OS DEZ ARTISTAS

→ Aldara Bizarro, área da dança
 → António Pedro, área da música e do cinema
 → Catarina Requeijo, área do teatro
 → Elisabete Magalhães, área da dança
 → João Girão, área das artes visuais
 → Manuela Ferreira, área do teatro
 → Miguel Horta, área das artes visuais e do conto oral
 → Nuno M. Cardoso, área do teatro
 → Simão Costa, área da música
 → Sofia Cabrita, área do teatro

MEDIADORES

→ Susana Gomes da Silva, educadora e curadora educativa, coordenadora do setor educativo do Centro de Arte Moderna, FCG
 → Dina Mendonça, filósofa e professora universitária
 → Judith Silva Pereira, avaliadora
 → Margarida Mestre, coreógrafa, performer e formadora

AS ESCOLAS

→ Escola Secundária D.Dinis
 → Escola Secundária Filipa de Lencastre
 → Escola Secundária de Caldas das Taipas
 → Escola Secundária do Cerco

GEOMETRIA E PRECONCEITO

CONCEÇÃO SANDRA SANTOS E NUNO M. CARDOSO

APRESENTAÇÃO: SANDRA SANTOS, NUNO M. CARDOSO E ALUNOS DO 10^º A

ESCOLA ESCOLA BÁSICA E SECUNDÁRIA DO CERCO, PORTO

DURAÇÃO 45'

LOCAL AUDITÓRIO 2

AGRADECIMENTOS AOS ALUNOS; PAIS E ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO

E CONSELHO DE TURMA DO 10^º A; À DUPLA PAULA CRUZ E ELISABETE

MAGALHÃES; AO DIRETOR DO AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DO CERCO,

PROFESSOR MANUEL ANTÓNIO OLIVEIRA; À ASSOCIAÇÃO DE PAIS DA EBS DO

CERCO, NA PESSOA DO SEU PRESIDENTE ANTÓNIO FERREIRA; AO PRESIDENTE

DA JUNTA DE FREGUESIA DE CAMPANHÃ, SR. ERNESTO SANTOS; À LUÍSA

CORTE-REAL E AO TNSJ, POR TODA A DISPONIBILIDADE DEMONSTRADA;

À JUDITH SILVA PEREIRA E À FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN.

SINOPSE

Quem gosta da matemática? E quem não gosta? Estas são as primeiras perguntas colocadas aos alunos que lançamos, hoje, em aula pública. Tentaremos mostrar o outro lado da geometria, sem ideias feitas, pré-concebidas ou preconceitos. Através das definições de radical e da corporalização dos conceitos de simetria e vetores realizamos jogos na matemática.

ENQUADRAMENTO DO PROJETO NA ESCOLA

A turma A do 10^º é uma turma do Curso de Ciências e Tecnologias, constituída por 20 alunos, 8 raparigas e 12 rapazes, um deles com NEE, não inscrito na disciplina de Matemática A,

de idades compreendidas entre os 15 e os 17 anos. Apesar de se revelarem desde o início do projeto muito interessados e empenhados, eram, igualmente, bastante desconcentrados e faladores, pelo que a dupla sentiu necessidade de criar estratégias para reorganizar os alunos dentro da sala de aula. A disposição das carteiras e a forma como os alunos se sentavam (ora a partir de jogos, ora por afinidades “matemáticas”) e a empatia com a dupla, permitiram, rapidamente formar um grupo/turma. Na escola, o 10 × 10 despertou a curiosidade de todos, nomeadamente aquando da sua apresentação na Reunião Geral de Professores e na apresentação do projeto aos conselhos de turma envolvidos. Não raras vezes,

encontramos alunos a espreitarem as aulas de Matemática A do 10^o A, pois a curiosidade também chegou a discentes de outras turmas, que questionavam o porquê da disposição da sala em U, ou o porquê dos alunos estarem fora das mesas a fazer um círculo, ou até o porquê de haver bolo... Estes momentos foram aproveitados para fazer uma divulgação mais ampla do projeto.

DESCRIÇÃO SUMÁRIA DO PROCESSO

No início do ano letivo a dupla decidiu que iria trabalhar em conjunto à 3^a feira, na aula das 10h10 às 11h40, seguindo-se uma reunião de cerca de uma hora, pois esse tempo tinha sido disponibilizado pelo diretor, no horário da professora. Ficou definido que, nas primeiras semanas, o artista desempenharia o papel de espetador. Desde o primeiro dia de aulas (onde a apresentação foi conjunta) as mesas da sala de aula foram dispostas em U. Foram sendo testadas diversas plantas de sala de aula, na tentativa de criar afinidades entre todos os alunos e, concomitantemente fazer com que saíssem da sua zona de conforto. Posteriormente, e com a participação mais ativa do artista, foram criados

momentos de pausa, onde se treinava a concentração e a memorização. A teatralização da Matemática foi uma estratégia constante. Em meados de novembro começou a projetar-se a aula pública. Foi pedido aos alunos que apresentassem sugestões de atividades que pudessem ser apresentadas nesse momento tão especial.

SANDRA SANTOS

Nasceu em 1975, no Porto. É licenciada em Matemática – Ramo Educacional, pela Faculdade de Ciências da UP. Leciona há 17 anos, sendo os últimos 5 no Agrupamento de escola do Cerco. Atualmente professora de Matemática na EBS do Cerco orgulha-se de ter sido aluna nesta mesma escola.

NUNO M. CARDOSO

Nasceu no Porto, 1973. Mestrado de Teatro, Escola Superior de Teatro e Cinema. Frequência da Licenciatura em Matemática e Ciências da Computação, Universidade do Minho. É encenador, ator, diretor Artístico do Cão Danado, assessor Direção Artística do Teatro Nacional São João, professor no Balletteatro e na Licenciatura em Teatro, UM.

QUANTUNS QUERES?!

CONCEÇÃO ÂNGELA REBORDÃO E CATARINA REQUEIJO

APRESENTAÇÃO ÂNGELA REBORDÃO, CATARINA REQUEIJO E ALUNOS DO 10^º B

ESCOLA: AGRUPAMENTO DE ESCOLAS D. FILIPA DE LENCASTRE, LISBOA

DURAÇÃO 45'

LOCAL AUDITÓRIO 2

AGRADECIMENTOS: À JUDITH SILVA PEREIRA QUE PERCORREU CONNOSCO

OS TRILHOS DESTA VIAGEM; A TODA A EQUIPA DO 10 × 10; À DIREÇÃO DA

ESCOLA D FILIPA DE LENCASTRE QUE A PROPORCIONOU E AOS ALUNOS

DO 10^º B, QUE LHE DERAM UM SENTIDO.

SINOPSE

A apropriação dos conteúdos de Física Quântica recorre aqui ao uso de metáforas e à corporalização de conceitos através do jogo. Guia-nos a Alice de Lewis Carrol, e a mesma lógica alterada e alterável que ela usa para percorrer o “outro lado do espelho”. É a que nos leva ao “país do quantum”, num percurso que nos conduz do infinitamente grande ao infinitamente pequeno, do Big Bang e da formação dos primeiros elementos químicos ao colapso das estrelas e à constituição do átomo.

ENQUADRAMENTO DO PROJETO NA ESCOLA

O agrupamento vertical de escolas D. Filipa de Lencastre está inscrito em pleno meio urbano lisboeta onde famílias e alunos possuem elevadas expectativas escolares e fazem um notório investimento no acesso ao ensino superior. O 10^º B é uma turma de Ciências e Tecnologias constituída por 31 alunos, sendo 70% provenientes do agrupamento, mas de turmas

diferentes, e os restantes 30% oriundos de diversas escolas dos arredores, públicas e privadas. A formação de um grupo coeso, por oposição aos pequenos grupos dispersos, foi o primeiro enfoque da ação.

A complexidade dos conceitos técnicos da Física e Química de 10^º ano ditou o segundo enfoque: dar sentido às regras do mundo quântico que nem sempre parecem tê-lo à luz das regras do mundo macroscópico. A recriação pelo jogo veio possibilitar, não apenas uma melhor compreensão dos conceitos, mas a própria alteração da matriz cognitiva. Aprender simultaneamente com o corpo, com os sentidos, com a relação com os outros, numa perspetiva holística do conhecimento foi o objetivo declarado deste projeto, por oposição a uma aprendizagem exclusivamente formal e utilitarista.

DESCRIÇÃO SUMÁRIA DO PROCESSO

À semelhança de outros “Universos” também este *Quantuns Queres?!* nasceu de um núcleo denso e quente

de ideias, onde a parceria artista-professora se construiu e consolidou em redor de ações potenciais, que o confronto com o real foi moldando. O processo de criação das ligações mentais e emocionais que possibilitam a criação de lógicas alternativas foi feito em duas frentes: num primeiro plano a Alice de Lewis Carrol, avatar desta viagem por universos de lógicas mutáveis, foi introduzida pela atriz com a leitura de excertos do "outro lado do espelho", para depois dar lugar a uma outra viagem de Alice, ao "país do quantum" de Robert Gilmore e ainda através de imagens projetadas pela professora ao longo das aulas. Num outro plano, surgiu o jogo enquanto aprendizagem de si e dos outros, mas também de conceitos. Estes jogos em que todos participaram, começaram como uma forma de construir as conexões dentro do grupo e foram-se transformando, primeiro pelas mãos da atriz e depois também pelas da professora, em corporalizações de conceitos, culminando na apropriação pelos alunos da estratégia do jogo enquanto representação de conteúdos, como forma de dar sentido às aprendizagens e vice-versa, pois se o jogo conduz à aprendizagem também

é esta que cria a possibilidade de jogo. Além destas duas macroestratégias, foram introduzidas algumas micropedagogias e rituais de aula, todos com o objetivo de remover os alunos da posição de meros ouvintes, incentivando a sua autonomia, responsabilidade e espírito crítico.

ÂNGELA REBORDÃO

Nasceu em 1967 no Fundão. Licenciada em Engenharia Química pelo IST, fez a profissionalização docente na ESELx e uma pós-graduação em Investigação e Intervenção Educativas, no âmbito do mestrado em Ciências da Educação na FCSH da UL. Gosta de se reinventar e só tem medo, à maneira dos Gauleses, que o teto da escola pública nos caia em cima da cabeça.

CATARINA REQUEIJO

Nasceu em 1973. Licenciada em Bioquímica pela FCTUC e bacharel em teatro pela ESTC, desenvolve trabalho como atriz, encenadora, formadora e docente, em diversas instituições. Leciona Expressão Dramática no Colégio Cesário Verde, desde 2007. Adora mentir e tem medo que a escola pública deixe não só de ter teto, mas também paredes.

DERIVAS (COM)SENTIDAS

CONCEÇÃO ELISABETE MAGALHÃES, PAULA CRUZ

APRESENTAÇÃO ELISABETE MAGALHÃES, PAULA CRUZ E ALUNOS DO 10º B

ESCOLA ESCOLA BÁSICA E SECUNDÁRIA DO CERCO, PORTO

DURAÇÃO 45'

LOCAL AUDITÓRIO 2

AGRADECIMENTOS AOS PAIS E ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO DO 10º B;

AO CONSELHO DE TURMA DO 10º B, EM ESPECIAL, AO DIRETOR DE TURMA,

MANUEL ANTÓNIO LEITE; AO DIRETOR DO AGRUPAMENTO DE ESCOLAS

DO CERCO, MANUEL ANTÓNIO OLIVEIRA; À DUPLA SANDRA SANTOS

E NUNO M. CARDOSO; À ASSOCIAÇÃO DE PAIS E ENCARREGADOS DE

EDUCAÇÃO DA ESCOLA BÁSICA E SECUNDÁRIA DO CERCO; À JUNTA DE

FREGUESIA DE CAMPANHÃ; À JUDITH SILVA PEREIRA E À LUÍSA CORTE-REAL

PELO APOIO INCONDICIONAL.

SINOPSE

Provocar o encontro com o “poema” pelo ritmo, pela respiração, pelo movimento, pela imagem, pelas cadeias intertextuais. Mostrar a importância da memória, do eco intertextual. Reconhecer que há muitas maneiras de aprender. Aprender a ser turma. Aprender a escutar cada verso e aí encontrar os ritmos indizíveis que se desprendem das palavras.

ENQUADRAMENTO DO PROJETO NA ESCOLA

O 10º B tem vinte e quatro alunos (15 raparigas e 9 rapazes) que, com honrosas exceções, optaram pelas Línguas e Humanidades, não de forma totalmente esclarecida, mas como

forma de escapar à Matemática. Assim, a maior exigência do ensino secundário, bem com a especificidade de disciplinas como Literatura Portuguesa e História A, surpreenderam os alunos. Alguns alunos já frequentaram o 10º ano e outros, no término do 1º período, começaram a pensar em outras vias de ensino (nomeadamente, cursos profissionais). O 10 × 10 foi apresentado à turma, aos pais e encarregados de educação como uma possibilidade de experimentar novas formas de aprender. Logo na primeira aula, com a artista, a “nossa” bailarina, os alunos organizaram a sala de forma possibilitar uma maior interação, mas nas aulas seguintes mudámos de cenário para o ginásio de dança. Esta experiência não foi

totalmente conseguida, pois havia ainda inibições por parte do grupo. A estratégia redefiniu-se e voltamos ao espaço da sala de aula. Por parte da dupla houve a preocupação de “tirar” os alunos de algumas zonas de conforto (aula tradicional, expositiva), negociando as alterações e os passos seguintes. O título *Derivas (com)sentidas* espelha isso mesmo: um navegar com rumo, mas sem imposições. Na relação com a turma e na valorização do 10x10, o conselho de turma, especialmente o diretor de turma, tiveram uma importância fulcral.

DESCRIÇÃO SUMÁRIA DO PROCESSO

A primeira fase do processo consistiu na criação de laços entre os alunos de forma a gerar um grupo/turma. Um processo moroso e com várias aproximações *consentidas*. Fotos, músicas, movimentos, jogos dramáticos, leitura de textos, escrita automática, tudo isto foi pedido aos alunos como trabalho de laboratório. Visitámos os bastidores do TNSJ, visionámos espetáculos de dança contemporânea, vimos vídeos com outras expressões artísticas. Foi dado espaço à crítica coletiva e individual. A memória dos textos e do corpo foi amplamente trabalhada. Cada um propôs um gesto e passo a passo foi-se construindo uma memória física da turma. Da recusa inicial da dança e da exposição física chegou-se à construção de uma *coreografia consentida* do grupo/turma. Partimos de memórias partilhadas entre pares, despoletadas por imagens, músicas, para começar a criar afinidades, um clima de pertença. Cresceu o debate sobre a importância da arte na educação, sobre a educação para a felicidade e sobre as diferentes

maneiras de aprender. Respeitando a planificação e o programa da disciplina, estudou-se Camões e (alguma) poesia contemporânea. A aula pública foi amplamente negociada, tendo-se respigado momentos significativos neste fazer turma: a apresentação a partir de imagens (memórias afetivas, factos biográficos), a expressão oral e a partilha de páginas do caderno preto, o desenho em tempo real e a dança como evidências de que há muitas formas de aprender, a poesia e as suas cadeias intertextuais.

PAULA CRUZ

Nasceu em 1975, em Viana do Castelo. Licenciada em ensino de Português pela Universidade do Minho, com mestrado em Teoria da Literatura e Literatura Portuguesa e doutoramento em Teoria da Literatura e Literatura Comparada, pela Universidade de Santiago de Compostela). É professora há 18 anos e está há 9 anos no Agrupamento de Escolas do Cerco.

ELISABETE MAGALHÃES

Nasceu em 1975. Bailarina e coreógrafa. É licenciada em Cinema e Audiovisual pela ESAP. Conclui o curso de Dança no Balletatro Escola Profissional e frequentou a Escola Superior de Dança. Como bolsista frequentou Études Paris Goube e Ménagerie de Verre. Estagiou na Fundação de Serralves no serviço de Artes Performativas na área de cinema e vídeo. Foi colaboradora no Jardim Flori, responsável pela disciplina de expressão dramática. Deu formação e coreografou em colaboração com a Câmara Municipal do Porto, através do seu Pelouro de Animação da Cidade, no projecto intitulado “Descobrir o Teatro e a Dança”, a jovens de outras áreas.

DO MEU CADERNO

CONCEÇÃO MARIA ISABEL MACHADO E JOÃO GIRÃO

APRESENTAÇÃO ISABEL MACHADO, JOÃO GIRÃO E ALUNOS DO 10º B

ESCOLA ESCOLA SECUNDÁRIA DE CALDAS DAS TAIPAS, GUIMARÃES

DURAÇÃO 45'

LOCAL AUDITÓRIO 2

AGRADECIMENTOS AO COLETIVO DO PROJETO 10 x 10, EM ESPECIAL

À JUDITH; À ELISABETE, LARA E SANDRA; AOS ALUNOS E ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO DO 10º B; AOS COLEGAS DA ESCOLA E AO SEU DIRETOR, JOSÉ AUGUSTO.

SINOPSE

Neste projeto, o ensino da Poesia Contemporânea, integrando os recursos do Desenho, foi explorado com os alunos através de um conjunto de metodologias específicas. Na aula de apresentação dá-se a conhecer o processo de instalação e de reinstalação do material poético produzido no *meu caderno*, percorrendo os seus capítulos principais.

ENQUADRAMENTO DO PROJETO NA ESCOLA

A ESCT localiza-se na vila de Caldas das Taipas, a norte do concelho de Guimarães, na zona do Vale do Ave, região caracterizada pelo desemprego, pouca escolarização e baixa qualificação. O projeto 10x10 foi desenvolvido com a turma B do 10º Ano do Curso Científico-Humanístico de Ciências e Tecnologias, constituída por 21 alunos, 11 raparigas e 10 rapazes, com uma média de idades de 15 anos, provenientes de diferentes escolas. O projeto foi conquistando progressivamente os

alunos com estratégias direcionadas para aumentar os seus níveis de concentração, o seu envolvimento mais ativo no processo e promover o raciocínio abstrato. Regista-se ainda o acolhimento de diversos colegas da escola e da diretora de turma. O trabalho da dupla desenvolveu-se nas aulas com a duração de 100 e 150 minutos em espaços diversos, dentro e fora da escola, nas sessões de preparação das atividades e ainda no projeto "Ao sabor dos livros". Alguns destes exercícios foram replicados pela professora para trabalhar conteúdos do programa de Português das turmas de 10º e 11º anos.

DESCRIÇÃO SUMÁRIA DO PROCESSO

→ 1. Conceção do projeto – Entre os temas do programa da disciplina de Português, escolheu-se trabalhar a poesia contemporânea com o objetivo de encontrar estratégias que permitissem superar dificuldades recorrentes na apreensão deste género de texto. Como ensinar

a poesia contemporânea? Que estratégias pedagógicas ensaiar para a sua transformação em matéria de descoberta pessoal, do outro e do mundo? Deste questionamento resultaram as seguintes linhas orientadoras:

Linha 1 – pensar os recursos do desenho para a construção de exercícios gráfico-verbais que integrassem os múltiplos sentidos do corpo em ação e da palavra ouvida, escrita, lida, falada e sentida;

Linha 2 – valorizar o espaço físico da sala de aula como matéria poética que se vai transformando e ampliando em estreita relação com as restantes variáveis do processo de aprendizagem;

Linha 3 – instalar um objeto designado por *o meu caderno* que se constituiria como espaço de liberdade, agregador e organizador das experiências de cada um.

→ 2. Processo de execução – Com este plano estruturante desenvolveram-se: a linha 1 que constituiu a base deste estudo da poesia contemporânea como potenciadora do desejo e da imaginação, experimentando exercícios de expressão escrita/oral que despertassem os sentidos e facilitassem o conhecimento de si e do outro; a linha 2 que levou a uma primeira transformação da

sala de aula e posterior instalação em quatro espaços da escola (sala de formação, sala de expressões, multiusos e praça da astronomia) e nos Banhos Velhos das Termas; a linha 3 a partir da construção *do meu caderno* que acompanhou todas as fases do processo de trabalho, desdobrando-se em cinco capítulos: antologia, instalações poéticas, palavrário, envelope de desejos e folhas soltas.

MARIA ISABEL MACHADO

Licenciada em Humanidades pela Faculdade de Filosofia de Braga da Universidade Católica Portuguesa. É professora de Português desde 1989, leciona na Escola Secundária de Caldas das Taipas desde 2000, onde tem participado e coordenado vários projetos.

JOÃO GIRÃO

Nasceu na Beira Alta e vive no Porto. Concluiu o bacharelato em Desenho pela Escola Superior Artística do Porto, a licenciatura em Psicologia pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto e o mestrado em Filosofia Moderna e Contemporânea pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. É professor na Escola Superior Artística do Porto-Guimarães. Afirma que não conhece João GIZ.

RESPIGAR

CONCEÇÃO GABRIEL MACHADO E MANUELA FERREIRA

APRESENTAÇÃO GABRIEL MACHADO, MANUELA FERREIRA E ALUNOS DO 10º K

ESCOLA ESCOLA SECUNDÁRIA DE CALDAS DAS TAIPAS, GUIMARÃES

DURAÇÃO 45'

LOCAL AUDITÓRIO 2

AGRADECIMENTOS AO COLETIVO DO PROJETO 10 x 10, EM ESPECIAL

À JUDITH; À ELISABETE E LARA; À DUPLA DE COZINHEIROS DINIS E LILIANA

DO RESTAURANTE COR DE TANGERINA; AO MANUEL FERNANDES;

À AVE (ASSOCIAÇÃO VIMARANENSE PARA A ECOLOGIA); AOS ALUNOS

E ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO DO 10º K; A TODOS OS COLEGAS COM

QUEM, DE FORMAS DIVERSAS E COMPLEMENTARES, FOMOS/VAMOS

CONSTRUINDO ESTE CAMINHO; À ESCT, NA PESSOA DO SEU DIRETOR,

QUE TOMOU A DECISÃO DE ABRIR AS PORTAS A ESTE PROJETO.

SINOPSE

Depois de semear, este é o momento da colheita. Vamos respirar o que em cada um de nós restou: fundamentos, perguntas, pensamentos, jogos, histórias, encontros, frustrações, surpresas e outros saberes e sabores que descrevem um quotidiano e um processo de aprendizagem comuns.

ENQUADRAMENTO DO PROJETO NA ESCOLA

A ESCT situa-se na vila de Caldas das Taipas, Norte do Concelho de Guimarães. A escola está "situada no coração do Vale do Ave, região marcada por elevadas taxas de desemprego, baixos níveis de escolarização e de qualificação escolar"; 60% dos pais apresentam níveis de escolaridade entre o 1º e 2º ciclo. O projeto foi desenvolvido

com a turma 10º K do Curso Científico-humanístico de Línguas e Humanidades. A turma tem: 21 alunos (7 raparigas e 14 rapazes), com uma média de idades de 16 anos, vindo de escolas diversas. Os jovens apresentavam lacunas significativas na expressão verbal, na comunicação e no exercício do pensar. Revelavam falta de motivação para o estudo na área de estudos específica. Perguntados quanto ao futuro, apenas 5 alunos responderam querer prosseguir estudos, mas não sabem para quê. Conteúdos programáticos envolvidos no projeto: Iniciação à/s atividade/s filosófica/as, questões filosóficas/a e discursividade filosófica. A ação humana: análise e compreensão do agir/a rede concetual da ação. As sessões de trabalho aconteceram na Sala de Artes com uma visita especial

à cantina da escola. Foram replicadas, com adaptações, algumas atividades noutras turmas [ex: Dia Mundial da Filosofia]. Registe-se a colaboração ativa do Diretor de Turma e outros colegas da escola, tanto nas questões operacionais, como no interesse que mostraram pelo projeto, participando nas atividades possíveis. A relação com a turma foi sempre amistosa e, embora acontecesse o primeiro contacto com a disciplina, com estratégias e dinâmicas pouco habituais, conseguiu-se mostrar aos alunos as potencialidades deste modelo alternativo.

DESCRIÇÃO SUMÁRIA DO PROCESSO

O processo de trabalho articulou-se em torno de três questões orientadoras:

→ 1. A que sabe o saber? Para uma aprendizagem dos sentidos
Aqui inclui-se o desenvolvimento de toda a gama de experiências e competências pessoais e relacionais, assim como o domínio na gestão do trabalho em grupo e na aprendizagem cooperativa – olhar o mundo/olhar-se a si próprio; escutar-se/escutar o outro; tocar-se/deixar-se tocar (...).

→ 2. Como exercitar o corpo e o espírito? Para uma aprendizagem do uso de diferentes instrumentos

A argumentação como ação central da atividade filosófica. Neste domínio foram propostas estratégias no sentido de favorecer a comunicação, o diálogo e a construção de discurso recorrendo ao uso dos instrumentos do corpo, da voz, do espaço, das palavras e das imagens.

→ 3. Com quem partilhar? Para uma aprendizagem do encontro

“A responsabilidade ecológica” foi o tema a partir do qual se articularam as ações que integraram a estreita colaboração com vários grupos e agentes da comunidade.

Ecorâmicas – Mostra de Cinema Documental-2014 – “O lixo ao espelho”, promovido pela Associação Vimaranesense para a Ecologia, onde os alunos participaram na dinamização de uma sessão destinada às escolas da cidade de Guimarães. Respigir na Feira das Taipas, ação orientada pelo chefe cozinheiro Dinis, onde os alunos respigaram frutas e legumes que foram depois utilizados no Jantar Comunitário confeccionado, pela turma e encarregados de educação, na cantina da escola.

GABRIEL MACHADO

Nasceu em Ponte da Barca, em 1959. Licenciado em Filosofia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Professor de Filosofia, Psicologia e Comunicação; coordenador do Anuário da ESCT. Foi vice-presidente e adjunto do diretor, diretor de turma, orientador e coordenador de estágio, coordenador do secretariado de exames e do CNO.

MANUELA FERREIRA

É encenadora e dramaturgista. Nasceu no Porto em 1973. Exerce atividade na pedagogia do teatro. Também tem programado e coordenado vários projetos educacionais. Destaca-se o trabalho que desenvolve na área do Teatro com a Comunidade – uma das temáticas centrais gira em torno da memória e do património pessoal enquanto pontos de partida na construção de fições dramáticas.

UMA MENTIRA CÓSMICA E OUTROS CALHAUS

CONCEÇÃO ANA PEREIRA E MIGUEL HORTA

APRESENTAÇÃO ANA PEREIRA, MIGUEL HORTA E ALUNOS DO 10^º C2

ESCOLA ESCOLA SECUNDÁRIA D. DINIS, LISBOA

DURAÇÃO 45'

LOCAL AUDITÓRIO 2

AGRADECIMENTOS A TODA A EQUIPA 10 x 10; AOS ALUNOS E ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO DO 10^º C2; À JUDITH SILVA PEREIRA PELO ACOMPANHAMENTO ATENTO; À DIREÇÃO DO AGRUPAMENTO DE ESCOLAS D. DINIS.

SINOPSE

Quando um laboratório se torna num local de experimentação plástica e comunicação em torno de uma matéria tão agreste como a Geologia. Compreender a composição e estrutura da Terra através de uma viagem pelo universo (planetologia) e conhecimento dos fenómenos geológicos do nosso planeta (vulcanologia). Promover o espírito científico através da criação de uma "mentira cósmica", a invenção de um planeta.

ENQUADRAMENTO DO PROJETO NA ESCOLA

A escola secundária D. Dinis, situada na freguesia de Marvila, Lisboa, está integrada num contexto sociocultural muito vulnerável que se reflete na motivação e desempenho prestado por grande parte dos nossos alunos e na sua falta de objectivos a médio e longo prazo. A turma do 10^º C2 é constituída por

12 alunos (apenas nas disciplinas de Biologia e Geologia e de Física e Química A), 4 raparigas e 8 rapazes com idades compreendidas entre os 15 e 16 anos.

Estes alunos provinham de turmas diferentes, embora todas da mesma escola do agrupamento (secundária D. Dinis), pelo que houve necessidade de desenvolver o espírito de grupo e, consequentemente, de responsabilidade.

Um dos aspectos positivos da turma foi a sua abertura a todas as propostas de trabalho apresentadas pela dupla, colaborando na sua concretização de forma participativa e empenhada. A preocupação da dupla foi, desde o início, a de desenvolver nos alunos a consciência de que o "saber" não é segmentado mas que pode e deve ser construído como um todo a partir das "pistas" e dos desafios que foram sendo lançados. No entanto, criaram-se momentos onde a dupla ou, a professora

na ausência do artista, sistematizavam os conceitos definidos no programa da disciplina e abordados nas aulas. Os professores do grupo disciplinar e que lecionam o mesmo ano (10º ano de Biologia e Geologia) têm acompanhado com interesse o trabalho desenvolvido o âmbito do projecto 10x10, manifestando interesse pelas metodologias que foram utilizadas e pelos resultados obtidos.

DESCRIÇÃO SUMÁRIA DO PROCESSO

A primeira preocupação da dupla foi consolidar o grupo e prepará-lo para um conjunto de aulas pouco convencionais, usando algumas dinâmicas de palavra e corpo. Logo na apresentação dos alunos foi lançada a pergunta: "Se fosses uma pedra, que pedra serias? Porquê?". O contacto com a obra de Miguel Horta permitiu entender a relação entre a génese criativa e o conhecimento do planeta. Também, uma dinâmica de corpo e movimento no átrio de entrada da escola, simulando a criação de planetas e a sua trajetória no sistema solar, obteve uma adesão alegre. Em todas as aulas criámos um espaço de plenário, cadeiras em redondo, onde fazíamos o ponto da situação e superávamos dúvidas através de um debate horizontal. Por sabermos que as respostas verdadeiramente consolidadas são aquelas que os alunos encontram por si, evitámos sempre a comunicação formal dos conteúdos, promovendo a curiosidade e a pesquisa. Exemplo disto, foi a introdução dos QR CODE no manual escolar, a propósito da matéria que estava a ser dada, contribuindo para o espírito de pesquisa e para um conhecimento mais holístico e liberto do planeta Terra. No centro

destas aulas estive a "mentira cósmica": a construção de um planeta imaginado. Os alunos foram desenhando, em equipa, um planeta inventado, da sua composição à estrutura, acabando por construir um modelo tridimensional convincente (e algumas formas de vida). Foi dada ênfase à pesquisa necessária para a elaboração de uma argumentação sólida, em defesa da "mentira" criada, relembrando que o "erro" é fundamental para a construção do saber. Encerrámos este ciclo de aulas abordando os diferentes tipos de atividade vulcânica, relacionando os conteúdos com a realidade imediata da erupção da ilha do Fogo; por fim construímos uma maquete, mais realista, do vulcão com seus tipos de escoadas de lava.

ANA PEREIRA

Nasceu em Lisboa, em 1959. Professora efetiva, do grupo disciplinar 520. Licenciada em Biologia, ramo educacional, pela Faculdade de Ciências da Universidade Clássica de Lisboa. Coordenadora do Ensino Secundário desde 2005; membro do Conselho Pedagógico; responsável pela equipa de formação de turmas. Responsável pelo Núcleo de Ciências da escola.

MIGUEL HORTA

Pintor. Mediador cultural, intervindo em museus, bibliotecas públicas e escolares, bairros e prisões. Autor/ilustrador infanto-juvenil: Pinok e Baleote-PNL, Dacoli e Dacolá-PNL, Rimas salgadas (poesia) e Retratinho de Amílcar Cabral (Teatro). Narrador oral. Formador na área da mediação leitora e das necessidades educativas especiais. Expôs Troncos e marés na Galeria Appleton Square (2012).

PODER, PONTO.

ARQUITETURA DE UM ENCONTRO

CONCEÇÃO IRENE LEITÃO E ANTÓNIO-PEDRO

APRESENTAÇÃO IRENE LEITÃO E ANTÓNIO-PEDRO

ESCOLA ESCOLA SECUNDÁRIA D. DINIS, LISBOA

DURAÇÃO 45'

LOCAL AUDITÓRIO 2

AGRADECIMENTOS TODOS OS INTERVENIENTES NO PROJETO 10 x 10, POR CONTRIBUIÇÕES VÁRIAS E POR TERMOS CONSEGUIDO PENSAR EM CONJUNTO.

SINOPSE

Nesta aula procuramos refletir sobre o breve percurso de intersecção entre um professor, um artista, alunos, uma escola, e outros professores, na sociedade portuguesa atual. Estamos em território de conflitos vários, desde novas e velhas formas de (tentar) ensinar e aprender, até à tensão existente entre o que o Estado e a sociedade civil entendem como escola pública. Embalada num PowerPoint que se quer complementar, a aula será uma partilha das ferramentas pedagógicas que juntos tentámos criar para o futuro.

ENQUADRAMENTO DO PROJETO NA ESCOLA

A turma 10^o C1, de ciências e tecnologia é constituída por 17 raparigas e 9 rapazes, com idades entre os 15 e os 18 anos. Seis alunos são repetentes, 12 provenientes do 9^o A e os restantes de proveniências diversas, incluindo uma aluna iraniana com dificuldades na compreensão do português. Participativos, de uma forma ruidosa e desorganizada,

apresentam dificuldades acrescidas nas disciplinas específicas, o que revela pouco trabalho autónomo. Aderiram razoavelmente bem ao 10 x 10 e a presença assídua do artista na escola foi sempre estimada. Em sala de aula, os exercícios propostos pela dupla eram participados jovialmente pela maioria dos alunos. Alguns ofereceram alguma resistência, estranhando as dinâmicas realizadas, tão diferentes das "tradicionais". Aderiram bem aos momentos de reflexão propostos, contribuindo ativamente com as suas opiniões. Desses momentos resultou um maior envolvimento nas aulas. Aquando das apresentações dos trabalhos de grupo dos seus pares mostraram saber ouvir, conseguindo uma maior concentração do que a revelada nas restantes aulas, nas diferentes disciplinas. A dupla obteve este conhecimento pois assistiu a várias aulas de outros professores, o que se revelou particularmente útil pois permitiu o acesso a vários "estilos" de comunicação e à memória da dificuldade de concentração por parte da turma. Além disso, foi uma

oportunidade de incluir e partilhar o projeto com alguns dos restantes professores.

O projeto mereceu curiosidade e algum debate por parte dos professores do departamento. Foi feita uma pequena articulação com o departamento de Multimédia.

DESCRIÇÃO SUMÁRIA DO PROCESSO

A metodologia desta dupla assentou sobretudo numa observação contínua por parte do artista e num diálogo permanente sobre o que poderia ser experimentado ou mudado. A matriz essencial foi trabalhar a autonomia da professora para além do artista, da turma e da matéria específica do período de trabalho, tentando criar uma metodologia que se pudesse ir sedimentando e ficar para além do término do 10 x 10.

A partir desta base definimos, a partir da vontade e das dificuldades sentidas pela professora, os objetivos que gostaríamos de atingir: potenciar a concentração dos alunos ao longo das aulas; contribuir para a aprendizagem do estudar e do pensar; potenciar a criação de um coletivo; trabalhar a autonomia dos alunos; potenciar a verbalização de dúvidas; trabalhar na e para a dinâmica das aulas.

E a partir destes objetivos planeámos propostas práticas, das quais salientamos: exercícios e jogos de concentração, quebra-rotina e aquecimento, sempre que possível relacionados com a matéria; fotografias de grupo; alteração

do espaço de aula; trabalhos e apresentações de grupo; utilização do vídeo como ferramenta de auto-observação de alunos e professora; invenção do sinaleiro da aula que sinaliza, para os outros, as matérias fundamentais; utilização de *podcasts* para confirmar ou não os sinais do sinaleiro e reforçar a matéria dada; "um dia sentado a dar aulas"; "um dia como alunos", onde assistimos a todas as aulas de um dia normal da turma e finalmente, construção de um PowerPoint que pretende encontrar formas e dispositivos que potenciem a dinâmica de uma aula.

IRENE LEITÃO

Nasceu em Lisboa, em 1966. Licenciada em Eng^a Química e pós graduada em Biotecnologia, pelo Instituto Superior Técnico. Outras várias formações. Professora de Física e Química há 20 anos. Em maio de 2014 participou no projeto Comenius. Tem participado em diversas estruturas administrativas, nas escolas onde tem trabalhado.

ANTÓNIO-PEDRO

Licenciado em Sociologia, estudou também Música, Cinema e Teatro. Divide a sua prática artística entre a música e o cinema. Compõe para teatro, dança e cinema e dirige vários espetáculos onde filma e toca, tentando aprofundar a relação entre imagem e som. Como pedagogo colabora regularmente com a Fundação Calouste Gulbenkian. É codiretor da Companhia Caótica.

HABITAR NA POESIA

CONCEÇÃO OLGA ESTEVES E ALDARA BIZARRO

APRESENTAÇÃO OLGA ESTEVES, ALDARA BIZARRO E ALUNOS DO 10º H2

ESCOLA ESCOLA SECUNDÁRIA D. DINIS, LISBOA

DURAÇÃO 45'

LOCAL AUDITÓRIO 2

AGRADECIMENTOS MIGUEL HORTA E MARIA GIL

SINOPSE

Apresentação do trabalho realizado, incentivando os alunos a dizerem poemas, apropriando-se das palavras e dando-lhes expressão individualizada. As estratégias adotadas estiveram centradas no trabalho do corpo, tendo como preocupação a relação de confiança entre todos. Os alunos participam dizendo poemas de Camões e "sonetos" escritos pela turma. Serão também apresentados um "musicário" de poemas de Camões e "Suportes de Poesia" elaborados pelos alunos.

ENQUADRAMENTO DO PROJETO NA ESCOLA

O projeto 10x10 foi trabalhado com a turma 10º H2, do curso Científico-Humanístico de Línguas e Humanidades. Esta turma é constituída por vinte e sete alunos, quinze raparigas e doze rapazes, com a média de dezasseis anos de idade, provenientes de oito escolas. Os alunos desta turma são interessados, curiosos e participativos. Embora muito agitados, revelaram alguma evolução no trabalho realizado em grande grupo. A escola D. Dinis, inserida num meio sociocultural muito desfavorecido,

confronta-se com o problema de ter um elevado número de alunos em risco, pelo que é fundamental prevenir a tendência para o abandono escolar, de acordo com o Projeto Educativo da Escola que tem, entre outras, a preocupação fundamental de promover uma efetiva igualdade de oportunidades e garantir a aquisição de conhecimentos essenciais, de modo a assegurar aos alunos as competências necessárias ao prosseguimento de estudos. A participação neste projeto, que se desenvolveu num trabalho de colaboração em dupla professora / artista, conseguiu envolver os alunos e motivá-los para as atividades propostas, contribuindo para que a escola seja cada vez mais inclusiva.

DESCRIÇÃO SUMÁRIA DO PROCESSO

O trabalho realizado pela dupla seguiu a metodologia do trabalho de projeto e foi organizada da seguinte forma: uma aula semanal de 90 minutos no turno da manhã e uma sessão de trabalho de 90 minutos no turno da tarde, estando os alunos divididos em dois grupos que alternavam semanalmente. Uma dança do Renascimento foi

utilizada como motivação e introdução ao estudo da poesia Lírica de Camões. Rituais de início – exercícios de corpo para aquecimento, motivação e criação de uma dinâmica de grupo e de final de aula- registo escrito de palavras-chave, num painel coletivo, estiveram presentes em todas as sessões.

Com o intuito de adquirirem uma ideia global do tempo de Camões, foram também realizadas visitas de estudo à Torre de Belém, ao Mosteiro dos Jerónimos e ao Museu de Arte Antiga, tendo os alunos recolhido material, utilizando registos fotográficos relacionados com a época dos Descobrimentos, o que lhes permitiu recordar a obra épica de Camões e interiorizar como a obra camonianiana é rica e diversa, assim como puderam conhecer a arquitetura daquela época. A visita ao Museu de Arte Antiga revelou-se particularmente importante, porque aí os alunos puderam observar a pintura relacionada com a mulher renascentista e joalheria riquíssima. A partir destas visitas, foi pedido aos alunos que tentassem construir um poema coletivo, escrevendo em painéis frases poéticas que expressassem as suas impressões sobre o que mais os tinha sensibilizado na visita, e que, em conjunto, encontrassem definições de poesia e as escrevessem. Posteriormente, com base nas frases escritas sobre as ideias suscitadas pelas visitas de estudo, os alunos redigiram “sonetos”, em trabalho de grupo. No seguimento desta proposta construíram, individualmente, suportes originais para estes poemas. A oferta de poemas de Camões aos alunos com o desafio de os trabalharem em dupla, dando-lhes

expressão com a voz e com o corpo, constituiu um momento significativo. Acompanhando esta ideia sugeriu-se que as duplas elaborassem uma mala/memória da poesia que representasse, também, o período de trabalho sobre a poesia lírica de Camões. A recolha de poemas de Camões musicados originou a criação de um “Musicário” no facebook dedicado ao poeta.

OLGA ESTEVES

Professora de Português e de francês, do grupo 300 na Escola Secundária D. Dinis há vinte e cinco anos. Licenciada em Línguas e Literaturas Modernas pela Faculdade de Letras de Lisboa e com Mestrado em Literatura e Cultura Portuguesas. Tenho o diploma de Langue Française e o Cours Pratique de Langue Française na Alliance Française, em Paris. Exerceu funções de orientadora de estágios pedagógicos de formandos da Universidade Nova de Lisboa, de coordenadora da Área Escola na Escola Secundária D. Dinis e tem sido diretora de turma tanto de alunos do ensino básico como do ensino secundário.

ALDARA BIZARRO

Nasceu em 1965 em Moçambique. Estudou dança em Lisboa, em Nova Iorque e Berlim. Desde 1990 que dirige os seus trabalhos contando atualmente com cerca de vinte obras apresentadas nas melhores salas do país. Tem trabalhado como formadora e professora de dança em instituições como a Fundação Calouste Gulbenkian, o CCB, o Centro Cultural Vila Flor, Forum Dança e Escola Superior de Dança.

OTS – OBJECTS THAT TELL STORIES

CONCEÇÃO MABEL CARROLA E SIMÃO COSTA

APRESENTAÇÃO MABEL CARROLA, SIMÃO COSTA E ALUNOS DO 10º A

ESCOLA AGRUPAMENTO DE ESCOLAS D. FILIPA DE LENCASTRE, LISBOA

DURAÇÃO 45'

LOCAL AUDITÓRIO 2

AGRADECIMENTOS A TODA A EQUIPA DO 10 x 10; AOS ALUNOS E

ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO DO 10º A; À DIREÇÃO DA ESCOLA E A

TODOS OS COLEGAS COM QUEM FOMOS PARTILHANDO ESTE CAMINHO.

SINOPSE

Os objetos a que estamos ligados são suscetíveis de contar histórias.

Cada aluno é desafiado a escolher um objeto com o qual tem uma ligação especial, focando o especto emocional da sua escolha e inventando uma descrição técnica, objetiva.

A partir dos objetos apresentados, constrói-se e altera-se a organização temática do programa/manual de Inglês.

ENQUADRAMENTO DO PROJETO NA ESCOLA

O Agrupamento de Escolas D. Filipa de Lencastre, no Bairro do Arco do Cego, em Lisboa, é uma instituição apreciada e respeitada, por alunos e encarregados de educação, devido à sua exigência e aos bons resultados escolares. A turma do 10º A é constituída por 30 alunos, 17 raparigas, 13 rapazes, com uma média de idades de 15. Destes alunos 22 frequentaram anteriormente o Agrupamento e 8 são provenientes

de escolas da grande Lisboa. São alunos com boas capacidades e conhecimentos e recetivos a novos desafios. Apesar de frequentarem a mesma escola, os alunos eram oriundos de turmas diferentes e não havia um coletivo coeso.

Na terceira semana de aulas, já com a presença do artista na sala de aula, implementaram-se atividades que permitissem a construção de um grupo-turma coeso, importante para o desenvolvimento do projeto. Os alunos reagiram com muito entusiasmo à presença do artista na sala de aula e às estratégias implementadas. Foram introduzidas rotinas de início e de fim da aula, onde se realizaram atividades lúdicas de concentração como a roda da confiança, a importância da linguagem de instrução para cumprir uma tarefa, o efeito do *PioNoise – SAS orquestra de rádios*, entre muitas outras. Verificou-se que estas atividades, de natureza mais informal, tornaram os alunos mais recetivos para os diferentes momentos e conteúdos

de aprendizagem em sala de aula e ajudaram na construção de um bom clima de trabalho, motivação, entajuda e cooperação entre todos os elementos.

DESCRIÇÃO SUMÁRIA DO PROCESSO

O projeto de trabalho da dupla artista/professor parte do pressuposto que os objetos a que estamos ligados são suscetíveis de contar histórias, de revelar a visão do sujeito sobre o mundo e de interligar conhecimento técnico/emocional.

Cada aluno escolheu e apresentou oralmente um objeto com o qual tivesse uma relação emocional significativa. A apresentação foi sujeita a algumas regras, nomeadamente trazer o objeto para a aula e convencer a audiência (os colegas) do porquê de ser um objeto especial. De seguida, foi realizado um trabalho escrito contendo uma descrição objetiva: foto e texto de descrição técnica do objeto, e uma descrição emocional: texto de elaboração do referencial emocional do aluno com aquele objeto e, finalmente um selo.

Nos bastidores dos *Objects that Tell Stories* esteve a noção de mapa. Importou à dupla explorar a ideia de que os alunos não sabem, na prática, quais os conteúdos programáticos a adquirir no ano letivo em questão. Começou assim a ideia de transformar o índice do manual, na sua estrutura e organização temática, num mapa que fosse um referencial para a matéria lecionada nas aulas. Assim, qualquer assunto ou temática abordada foi

ligada (à priori ou à posteriori) ao respetivo grupo temático. A figura do Selo cumpre justamente esta função. Finalmente, surgiu a Evidence Machine, uma espécie de App, onde cada objeto constitui uma peça fundamental da máquina capaz de, com a criatividade dos alunos, comprovar a existência de novos objetos.

MABEL CARROLA

Nasceu na Covilhã, em 1971. Licenciada em Línguas e Literaturas Modernas, variante de Inglês Alemão, pela Universidade Nova de Lisboa e Mestre em Ciências da Educação, na área de especialização em Formação de Professores, pela Universidade de Lisboa. Professora de Inglês no Agrupamento de Escolas D. Filipa de Lencastre.

SIMÃO COSTA

Músico, nasceu em 1979. Define-se como alguém obcecado e apaixonado pelo SOM, como material plástico, tangível, físico. Em 1998 termina o curso de piano no Conservatório Nacional com 20 valores. Em 2002 dobrou com rigor o diploma da Escola Superior de Música de Lisboa dando início ao seu trabalho de criação artística como autodidata. Nos diversos materiais, contextos, suportes, formatos que escolhe para apresentar o seu trabalho estão presentes 3 características: compositor, performer e criador de instrumentos/objetos/código informático. O seu trabalho foi apresentado em Portugal, Espanha, França, Bélgica, Polónia, Holanda, Reino Unido, Grécia, Itália e Brasil.

QUANDO ELES SE CONHECERAM, NÃO SABIAM...

CONCEÇÃO MARIA JOSÉ MIRA E SOFIA CABRITA

APRESENTAÇÃO MARIA JOSÉ MIRA, SOFIA CABRITA E ALUNOS DO 10º C

ESCOLA AGRUPAMENTO DE ESCOLAS D. FILIPA DE LENCASTRE, LISBOA

DURAÇÃO 45'

LOCAL AUDITÓRIO 2

AGRADECIMENTOS A TODA A EQUIPA DO 10 × 10, EM ESPECIAL AO MIGUEL

HORTA; AOS ALUNOS E ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO DO 10º C;

À DIREÇÃO DA ESCOLA; À COMUNIDADE EDUCATIVA; AOS COLEGAS,

PARTICULARMENTE ÀS COMPANHEIRAS DEZISTAS E AO PROFESSOR

DE ED. FÍSICA, JOÃO OLIVEIRA; AOS FAMILIARES E AMIGOS COM QUEM

FOMOS DESBRAVANDO CAMINHOS.

SINOPSE

Contar histórias como ponto de partida para predispor o espaço interior individual à (re)conquista do prazer de escrever através de vários exercícios com a palavra. Sentir esta última como o instrumento que nos facilita a perceção do mundo, a compreensão dos outros e a exposição do eu. Como criar o desejo de contar uma história?

ENQUADRAMENTO DO PROJETO NA ESCOLA

O Agrupamento de Escolas D. Filipa de Lencastre encontra-se implantado no meio urbano, no Bairro do Arco do Cego, em Lisboa e é uma instituição apreciada e respeitada, por alunos e encarregados de educação, devido à sua exigência

e aos bons resultados escolares.

A turma do 10º C é constituída por 25 rapazes e 5 raparigas, 30 alunos com uma média de idades de 15 anos, provenientes quer do Agrupamento quer de outras escolas da grande Lisboa. Alunos detentores, de uma forma geral, de capacidades e conhecimentos, mostravam uma enorme vontade de participar nas atividades mas dificuldade em cumprir regras, nomeadamente, o saber ouvir.

A relação empática da dupla passou para os alunos que queriam, a cada aula, experimentar diferentes atividades, ainda que por vezes fizessem uso de reticências e pontos de interrogação, e descobrir outras formas de ver os conteúdos programáticos. Perceber de onde se parte no "contar"

e entender o que é “interpretar” foram etapas do caminho. Com atividades de audição e concentração, com momentos de criação em grupo, com tempos de exposição do eu, foi-se construindo um espaço coletivo onde há lugar para todas as histórias e caligrafias. Recuperando a tradição oral, a construção contínua de pequenas narrativas e a sua apresentação à turma, proporcionou-se a reflexão sobre a necessidade primordial de “escutar e contar”. A conquista da utilização das palavras, a audição do outro e a mostra do eu facilitaram o desbloquear da escrita.

DESCRIÇÃO SUMÁRIA DO PROCESSO

O trabalho da dupla teve por base perceber por que a leitura e estudo de contos é vista com aversão pelos estudantes e entender a dificuldade de interpretação e escrita de textos autobiográficos e intimistas. A dupla trabalhou antes, depois e durante as aulas. Com duas aulas por semana de 90 minutos cada, foi preciso gerir o equilíbrio precário entre a matéria “visível” e a “invisível”, isto é, entre os momentos guiados pelo manual e as propostas de trabalho inusitadas, que exigiam dos alunos e da professora uma disponibilidade e confiança renovadas. De uma forma geral, as aulas foram conduzidas em dupla uma vez por semana, mas toda a planificação foi feita em conjunto. Deste modo, encontrámos uma coerência que justificava o nosso trabalho como dupla, contrariando propostas apenas pontuais de exercícios incomuns de carácter criativo. Claramente, tínhamos

muitas ideias e pouco espaço-tempo para as pôr em prática e o mais importante foi a nossa capacidade de ir mudando de planos, a coragem de abandonar, desacelerar, refazer. Jovens para quem a escrita se resumia a um ato académico, improvisaram em grupo, mentiram e recontaram a verdade, relembrou histórias de família, apropriaram-se de conversas alheias, inventaram palavras, perceberam a importância da coesão textual mediante um *cadavre exquis* oral, utilizaram *sms* como base duma narração, criaram micro-contos e responderam a uma carta individual da dupla. Eis que o trabalho de reflexão conduz à descoberta do gostar de escrever.

MARIA JOSÉ MIRA

Nascida em Lisboa, em 1967. Licenciada em Línguas e Literaturas Modernas, Estudos Portugueses e Franceses, pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, com uma pós-graduação em Linguística Computacional, também da F.L.U.L. Professora de Português e Francês no Agrupamento de Escolas D. Filipa de Lencastre desde 1994/95.

SOFIA CABRITA

Lisboa, em 1981. Pós-graduada em Comunicação e Artes pela F.C.S.H., formada em Teatro do Gesto pelas Escolas Estudis de Teatre (Barcelona) e Kíklos – Scuola Internazionale di Creazione Teatrale (Pádua), e licenciada em Formação de Atores pela FCSH. Encenadora, atriz, locutora, mediadora artística e professora. Cofundadora da Casear Criação.

Como dar espaço à criatividade dos alunos e tornar as aulas mais desafiantes com tantas metas curriculares a cumprir?

Mergulhados numa rotina difícil e desgastante, os professores têm pouco tempo para ensaiar novas ferramentas pedagógicas e estratégias alternativas para “dar a matéria”.

O 10×10 é um projeto piloto que envolve professores, artistas e alunos no debate e na experimentação de novas soluções para tornar o currículo mais estimulante para quem ensina e para quem aprende.

Atualmente na terceira edição, o 10×10 foi testado no Norte através da colaboração d’A Oficina, de Guimarães e do Teatro Nacional São João, do Porto.